

Bancada do DF sente na pele o peso do mandato

Azelma Rodrigues

Um dos termômetros dos sinais da recessão, emitidos por todos os setores da economia, são os gabinetes da bancada eleita pelo Distrito Federal para o Congresso Constituinte. Desde que tomaram posse há quatro meses, os oito deputados e os três senadores brasileiros nunca sentiram, como agora, «o peso» do mandato, diante do expressivo aumento do assédio do eleitorado na cobrança do voto por um lugar no mercado de trabalho. Na mesma proporção, diminuem cada vez mais as chances do «empurrãozinho» para uma vaga na área privada, mesmo entre os amigos correligionários dos parlamentares, que no início conseguiam ajudar na manutenção da fidelidade do voto.

Entre os pedidos normais de dentaduras, pagamento de carnês, passagens aéreas, aviamento de receitas médicas, casa da Shis ou dinheiro para a passagem do ônibus, a maioria absoluta das centenas de pessoas que transitam em romaria pelos gabinetes da bancada do Distrito Federal tem em mente uma coisa só: emprego. Os dados das assessorias dos gabinetes revelam que a crise econômica está atingindo a todos, indistintamente, pois o eleitorado do Plano Piloto tem-se sobrepujado em número à clientela de baixa renda das cidades-satélites, que primeiro descobriu a via-sacra dos corredores do Congresso, à procura da influência dos parlamentares para uma

colocação. «A coisa está arrojando em todos os níveis sociais», acusa Antônio Luís Barbosa, assessor do deputado Geraldo Campos (PMDB).

Geralmente, os eleitores são classificados de acordo com o nível de necessidade «que estampam na própria cara», segundo uma secretária de gabinete. Há os «profissionais», que podem ser encontrados a qualquer dia da semana em um ou outro gabinete, sempre pedindo dinheiro para resolver algum problema particular; os «afilhados», que aparecem alegando amizade antiga ou mesmo parentesco distante para obter preferência na fila de espera e os realmente «necessitados», normalmente procedentes das satélites ou do entorno, que se satisfazem com uma carta de apresentação assinada pelo deputado ou senador. Sem falar, é claro, nos «indesejáveis», aqueles que aparecem com inoportunos pedidos, como passagens aéreas para toda a família visitar parentes no Nordeste ou uma «mãozinha» no concurso da Câmara. Há ainda aqueles com pedidos estranhos, como o de uma senhora que procurou a deputada Maria de Lourdes Abadia (PFL) para «ajeitar» o casamento da filha «que se perdeu» ou o de uma aflita solteirona de 35 anos, que pediu ao senador Meira Filho (PMDB) uma passagem para a Inglaterra, onde ela pretende se casar com o cantor Fred Mercury, do grupo Queen.

O grosso das solicitações, entretanto, tem sido dirigida para a ajuda na busca de um emprego,

principalmente de pessoas de baixa renda, sem qualificação e que por isto estão fora do mercado há muito tempo. A maioria é formada por mulheres, de todas as idades, para as quais o mercado é ainda mais restrito, segundo uma assessora, já que nesse período de crise, as vagas ainda encontradas são para ocupações que exigem um certo nível de habilitação e, geralmente, destinadas ao sexo masculino, como bombeiros, eletricitistas, pedreiros, etc.

Entre os assessores da bancada, uma coisa é respeitada: não se pergunta ao eleitor qual o seu partido e tampouco é deixado sem uma resposta, embora quase sempre seja um não. «O deputado diz que todo mundo deve receber uma resposta e a gente faz tudo para diminuir a frustração que eles ficam, quando saem de mãos vazias». A explicação, de um membro da assessoria do deputado Jofran Frejat (PFL), é idêntica em todos os gabinetes. Sem muita folga nessa fase de trabalhos nas comissões da Constituinte, os parlamentares têm procurado reforçar a atuação dos assessores para o atendimento de quem os procuram pessoalmente ou por telefone.

Alguns ainda conseguem dispor de um ou dois dias na semana para atender aos eleitores pessoalmente, utilizando as «brechas» deixadas pela rotina do Congresso, nas manhãs das segundas e sextas-feiras. Valmir Campelo (PFL), por exemplo, é encontrado sempre às segundas-feiras, com filas à porta de seu gabinete no 4º andar do

Anexo IV da Câmara, que às vezes chegam a tomar as portas dos dois gabinetes anexos. Ele costuma receber, um a um, até 40 eleitores e por volta do meio-dia, não consegue mais esconder o cansaço de ter que responder, invariavelmente, a mesma coisa: «Você vai ter que esperar mais um pouco, porque a situação está difícil e estamos sem condições de arranjar colocação agora».

Mais atarefados, Augusto Carvalho (PCB) e Geraldo Campos (PMDB) quase não têm tido tempo para o atendimento direto e encarregam seus assessores da maioria dos despachos. Para Maria de Lourdes Abadia, entretanto, as manhãs de segunda-feira são sagradas: «Sempre fiz isto na Ceilândia», afirma, explicando que houve apenas uma mudança de local. Explicando que considera o contato permanente com o eleitorado, o mais importante na vida de um político, a deputada não considera esta a parte mais dura do mandato. «É uma oportunidade que tenho de receber informações sobre o que está ocorrendo na cidade», diz ela.

Para apressar o atendimento às mais de 50 pessoas que passam às segundas por seu gabinete, Maria de Lourdes recebe em sua sala, em volta de uma mesa-redonda estrategicamente colocada na entrada com várias cadeiras, «lotes» de eleitores, que aumentam à medida em que se aproxima o início da tarde. Como numa reunião familiar, cada um expõe seus problemas e como acha que a deputada pode solucioná-los, sempre recebendo atenção e uma resposta. Invariavelmente, a maioria vai em busca de emprego, e sai satisfeita se recebe da secretária Márcia, uma carta de apresentação.

— A gente sabe que a carta de apresentação não tem efeito nenhum, e por isso preferimos não enganá-los, explica uma das assessoras do deputado Augusto Carvalho. No gabinete do representante do PCB, a orientação recebida pelos eleitores é que se dirijam ao posto do Sine ou aos sindicatos, onde existem maiores possibilidades de se informarem sobre algum emprego. «Normalmente, nossos eleitores são conscientes de que o deputado é de oposição, não fez promessa e é contra o clientelismo, por isso aceitam nossas explicações sobre o trabalho que ele está fazendo por eles na Constituinte», completa a assessora.

Segundo Antônio Luiz Barbosa, o deputado Geraldo Campos também tem assinado cada vez menos cartas de apresentação para os correligionários, porque «só funciona quando tem endereço certo». O problema, em sua opinião, é conscientizar o frustrado eleitor de que não se trata de diminuição do prestígio do deputado, o fato dos possíveis empregadores engavetar as cartas. Se bem que ele acredita que, por ser marinho de primeira viagem, o recém-eleito parlamentar do DF não sabe utilizar a influência política de que dispõe.

O senador Pompeu de Sousa (PMDB) também tem muito trabalho. «É impossível atender a todos os que me procuram» — explica o ex-secretário de Educação. «Se fizesse isso, o meu gabinete viveria constantemente em comício». Mesmo assim, não deixa de atender aos eleitores que são selecionados, previamente, por sua assessora Maria de Lourdes Dayreel. Sua característica é manter sempre um bom humor, necessário para encarar todos os pedidos que lhe chegam, a maioria bem complicada.